

CLÓVIS MORAIS RÊGO

GENERAL GURJÃO

NO SESQUICENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO

1345
Comp.

(Separata da REVISTA DE CULTURA DO PARÁ

Ano 1 — Nº 2 — JAN./ABR. 1971)

BELÉM — PARÁ



Fotografia do busto, em bronze, do General Gurjão, existente sôbre uma coluna de mármore, no interior de seu mausoléu, no Cemitério da Soledade.

SESQUICENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO GENERAL GURJÃO

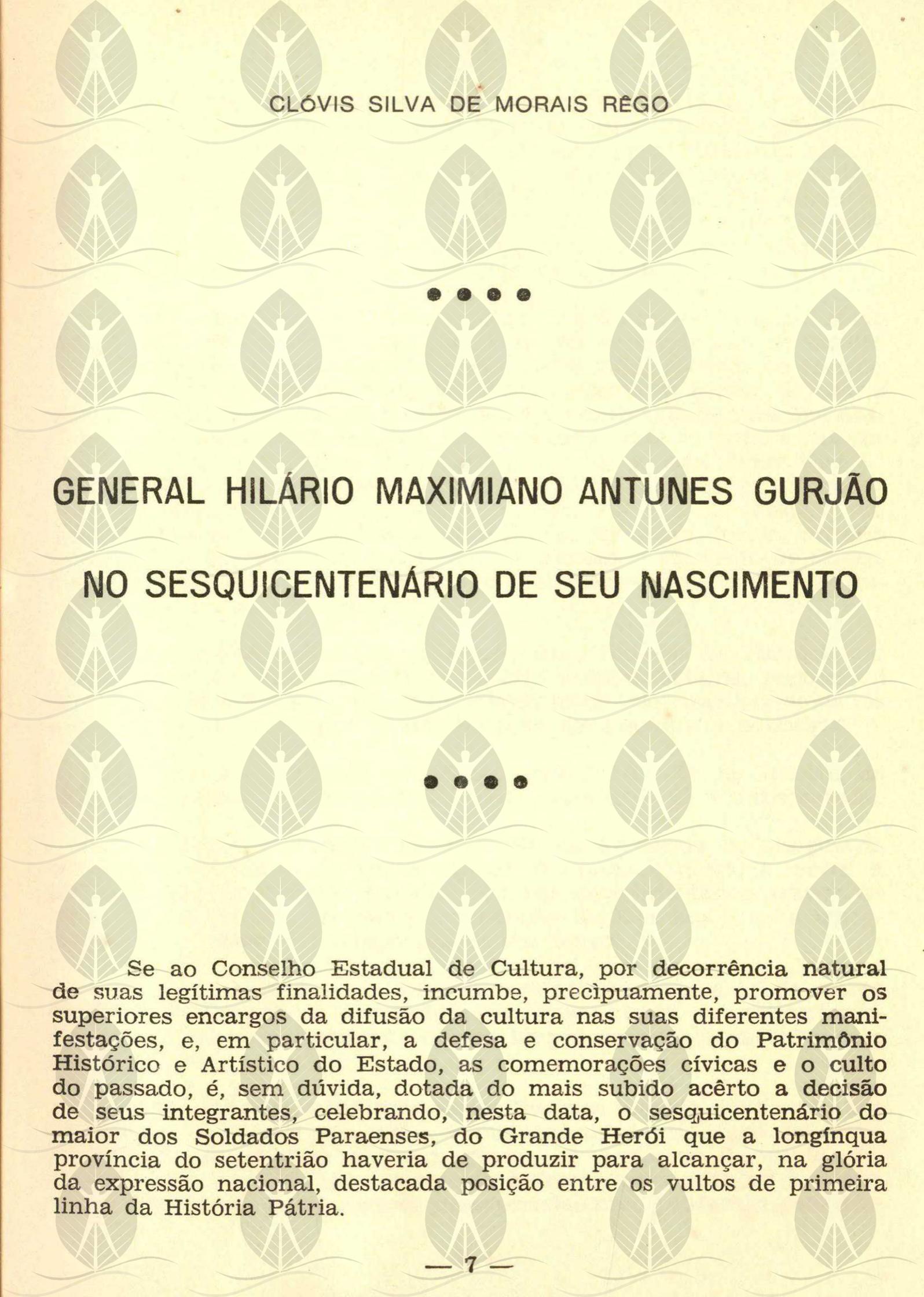
Comemorações pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará

A 21 de fevereiro de 1970 transcorreu o 150.º aniversário de nascimento do General Hilário Maximiano Antunes Gurjão.

O Conselho Estadual de Cultura promoveu uma solenidade para rememorar aquele acontecimento.

A data referida foi condignamente comemorada na praça pública, havendo sido realizada uma cerimônia cívica em torno do monumento daquele insigne personagem, assistida pelo Ten. Cel. Alacid da Silva Nunes, Chefe do Executivo Estadual; pelas mais graduadas autoridades civis e militares, federais, estaduais e municipais; pelos membros de associações de cultura; pelo povo em geral e pela neta do ilustre homenageado, Sr.^a Tereza Gurjão.

Na oportunidade, foram pronunciados dois discursos: pelo Prof. Clóvis Silva de Moraes Rêgo, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, e pelo Dr. Aláudio de Oliveira Melo, representante do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e do Diretório Regional do Pará da Liga da Defesa Nacional.



CLÓVIS SILVA DE MORAIS RÉGO

GENERAL HILÁRIO MAXIMIANO ANTUNES GURJÃO
NO SESQUICENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO

Se ao Conselho Estadual de Cultura, por decorrência natural de suas legítimas finalidades, incumbe, precìpua, promover os superiores encargos da difusão da cultura nas suas diferentes manifestações, e, em particular, a defesa e conservação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, as comemorações cívicas e o culto do passado, é, sem dúvida, dotada do mais subido acêrto a decisão de seus integrantes, celebrando, nesta data, o sesquicentenário do maior dos Soldados Paraenses, do Grande Herói que a longínqua província do setentrião haveria de produzir para alcançar, na glória da expressão nacional, destacada posição entre os vultos de primeira linha da História Pátria.

Transposto à culminância duradoura da História, o General Hilário Maximiano Autunes Gurjão tem seu nome arrolado pelo Padre Joaquim Pinto de Campos, em seu afamado livro "Vida do grande brasileiro Luís Alves de Lima e Silva", publicado em Lisboa em 1878, entre os bravos aos quais coube a vitória da Guerra do Paraguai, ao lado de Caxias e de Osório, do Conde de Pôrto Alegre e do Visconde de Itaparica, de Sampaio e Mena Barreto, do Marechal Câmara e Machado Bittencourt, além de outros de igual porte.

Sua histórica frase, tantas vezes repetida, — "Vejam como morre um General Brasileiro!" — com que escreveu seu derradeiro feito e precedeu os últimos instantes de sua vida, encerra ao mesmo tempo ocaso e aurora. Vincula-se à hora extrema da morte, da morte não temida nem evitada, da morte redentora mais que de uma batalha, mas eclode sobretudo o comêço da arrancada decisiva para a vitória final da Grande Guerra. Não será por caso a essa frase que se seguiu outra, de igual grandeza, com que Caxias, à frente do grosso das fôrças brasileiras, de espada alçada, esmaga o inimigo em Itororó, vingando o Marechal Argolo Ferrão tombado, ferido, do alto do cavalo, o General Gurjão e o Coronel Fernando Machado de Souza, mortalmente atingidos, após o brado não menos célebre do "Sigam-me os que forem brasileiros"?

Arthur Cezar Ferreira Reis, em sua "Síntese de História do Pará", diz que o gesto de Gurjão decidiu a épica batalha, porque ao desânimo reinante suas palavras conseguiram eletrizar os soldados e conclui ressaltando que "o seu exemplo lhe marcara a memória".

Esvaiu-se-lhe a vida às 22,00 horas do dia 17 de janeiro de 1869, no Hospital de Sangue de Humaitá, para onde fôra transportado.

Sucumbiu o intrépido comandante da artilharia de vanguarda da coluna atacante. Ao gênio militar de Lima e Silva, a quem a predestinação do triunfo jamais permitiu experimentar o travor de uma derrota, ficava reservada a condução da luta nos graves lances que se sucederiam por tempo não muito longo.

Precisamente um ano, um mês e doze dias após, a 1.º de março de 1870, perseguido e apoucado, capitulava Lopez, e, conseqüentemente, encerrava-se a guerra com os louros da vitória aureolando a alma brasileira.

Entre êsses dois epílogos se avulta uma infinita diferença. No do tirano, despótico em vida, a pusilanimidade da fuga na hora crucial. No do heróico e jovem general, o destemor incontido, desenhado na cena com que, galopando à frente para avançar à ponte, não atende ao grito duas vezes desesperadamente proferido pelo Ma-

gor Eduardo Emiliano da Fonseca — “General não é aqui o seu lugar” — e, vanguardeiro, impávido, persegue e insiste até cair gloriosamente. Um morreu depois de expor ao sacrifício tôda uma Pátria e uma infindável legião de irmãos. O outro tombou em vez dos comandados, salvando, com o gesto imenso, não apenas a refrega, mas o ânimo que sustentaria o alcance da vitória final.

Soldado 34 anos dos 49 de sua existência, Hilário Maximiano Antunes Gurjão, mais que uma legenda, representa, no correr de exígua trajetória, o mais vivo exemplo de civismo de que se pode orgulhecer um País.

Não me posso deter em detalhes, nesta alocução, sôbre o perpassar ascensional de uma vida trepidante, desde quando, aos quinze anos, alvoreceu na caserna como voluntário das fôrças legais do Marechal Manuel Jorge Rodrigues, Presidente da Província em 1835, para a defesa contra as operações da Cabanagem, e, no ano seguinte, entre o voluntariado de Andrea, a bordo da escuna “Bela Maria”, no bloqueio e fogo da Fazenda “Pedreira”, apressando a retirada de Angelim, de Belém para o Acará. Em bosquejo, assim se lhe descobre a escalada :

Praça em 1.º de maio de 1836, cadete em 37, 2.º tenente em 28 de agosto de 38, 1.º tenente em 2 de dezembro de 39, capitão em 19 de julho de 41, major em 54, tenente-coronel em 57, coronel em 66 e brigadeiro em 68, foi sempre fiel ao seu ofício e à sua vocação militar, exercendo, por vêzes, o magistério e funções de destaque na vida pública. Titulado Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, em 28 de novembro de 1852, pela Escola Militar, classificado na Arma de Artilharia, deixou o Rio de Janeiro no ano seguinte para vir servir no 3.º Batalhão com parada em Belém.

Registra Jorge Hurley, em suas “Noções de História do Brasil e do Pará”, que, “como soldado e cadete, Gurjão fôra um dos melhores alunos das aulas de artilharia que o Major Antônio Ladislau Monteiro Baena instituiu em Belém”.

Das comissões que lhe foram cometidas, onde se houve sempre com descortínio e lucidez, ressaltam-se as obras de fortificação no Comando das Armas do Amazonas; as inspeções e visitas à Fortaleza de São Gabriel, no alto Rio-Negro, em 1856; às Fortalezas de Macapá, Óbidos e Gurupá, em 57; o Comando da Fortaleza de Santa Cruz, no Rio, em 63; e o Comando do 1.º Batalhão de Artilharia, a pé, da Côrte.

De suas incursões às fronteiras, escreveu o trabalho intitulado “Descrições da Viagem feita desde a cidade da Barra do Rio Negro,

pelo rio do mesmo nome, até a Serra do Cucuí, em Comissão de Engenharia, por ordem do Presidente da Província, Conselheiro Henrique Ferreira Pena”, publicado no Tomo XVIII da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Foi Deputado Provincial no Amazonas, e, no Pará, desempenhou as funções de Ajudante de Ordens do Presidente Coronel José Tomás Henriques, de 7 de agosto de 1843 a 20 de maio de 1844. Nesta capital ministrou o professorado, ensinando Geografia e História no Colégio “Santa Maria de Belém”, tendo ainda lecionado aritmética e álgebra no “Colégio Paraense”.

Fundado o Instituto de Artilharia, no Rio, foi o seu primeiro Presidente.

Era detentor das Condecorações de Comendador das Ordens da Rosa e de Cristo, Cavaleiro de ambas e da de São Bento de Aviz, possuindo também as Medalhas de Ouro do Uruguai e da Campanha do Paraguai, afora a dignidade da Ordem do Cruzeiro, que não chegou a receber.

No cenário da Guerra do Paraguai, onde mais se dimensiona o seu valor, seu nome incomum se alia a uma série inenarrável de episódios ingentes.

Em 65, como Coronel, alcança-o a conflagração, e o Comando da 17.^a Brigada enseja-lhe a missão com que se estréia na Campanha. Daí por diante sua têmpera teria prova nos seus “cinquenta bombardeamentos”; nos combates do “Rincón do Passo da Pátria”, do “Estero Bellaco” e de Angustura; nos prodigiosos disparos de suas baterias, em Tuiuti; no seu Comando das Fôrças do Exército estacionadas em Corrientes; na delicada incumbência que o seu posto de Brigadeiro Comandante do Corpo do Exército lhe impunha “bater o inimigo acastelado nas quase inconquistáveis fortificações de Sauce”; nos seus encontros nos sítios de Montevideú, Itapiru, Chaco, Curupaiti, Curuzu e finalmente na sua arrojada empreza da travessia sangrenta da Ponte de Itororó, onde caiu ferido.

Um ano e meses mais tarde, terminada a guerra, retornava à Pátria, sem vida. Seus despojos de Humaitá foram trasladados ao Brasil, e, a 1.^o de julho de 1870, do Rio foram conduzidos ao Pará, onde chegaram a 19 do mesmo mês.

É da primeira página de “O Liberal do Pará”, órgão da época, sob o título de “HOSANA”, êste significativo tópico, reproduzido do “Jornal do Comércio” do Rio de Janeiro: — “Seguem hoje para o Pará, no vapor “Guará”, os restos mortais do venerando General Hilário

Maximiano Antunes Gurjão. O capitão Frederico Augusto da Gama e Costa vai velando êsses resíduos preciosos, qual velara por êle o distinto General. Companheiro das lides, protegido pelo gênio benfeitor daquele herói, o capitão Gama e Costa, ao voltar à Pátria, dobrou os joelhos sôbre o sepulcro do mártir; entoou a prece dos levitas do Senhor, e ao levantar-se só, entreviu bem pesada a terra que envolvia seus restos. A mão do amigo foi então sacudir-lhe da frente a cal do entêrro e caminharam juntos.

Os heróis não morrem, disse êle, o companheiro da vida será o companheiro depois da morte.

Quando a mocidade assim caminha, eu creio no futuro do meu país.

Rio, 1.º de julho de 1870”.

O desembarque, sob rigoroso ritual, ocorreu às 8 horas do dia 19 de julho dêsse ano na ponte da Guarda Moria da Alfândega, e para o mesmo os jornais durante vários dias publicaram convites da “Comissão Central do Partido Liberal”; do Paço da Câmara, assinados pelo seu Presidente, Dr. José da Gama Malcher; e da Presidência da Província, firmados pelo Secretário do Governo, Antônio dos Passos Miranda. Verifica-se do texto dêstes que “Sua Excelência o Presidente manda convidar tôdas as autoridades, corporações, classes e habitantes desta capital para o ato de desembarque dos restos mortais do General Hilário Maximiano Antunes Gurjão”, cujo féretro “será da Ponte transportado para a Igreja das Mercês, onde se rezará missa, e ficará depositado convenientemente, até o dia do respectivo funeral, na Catedral”. Nesta, a 8 de agôsto seguinte, foi celebrado o ofício fúnebre em sufrágio da alma do grande paraense, para o qual, além dos convites oficiais, a imprensa insere o dos irmãos do morto, representados pelo Sr. Francisco Pedro Gurjão. Ainda na Catedral, dias antes, o Te-Deum dedicado aos Voluntários da Pátria foi mandado cantar pela Câmara Municipal, com música de composição do Maestro Henrique Gurjão, sendo orador o Revmo. Sr. Arcediago e Governador do Bispado, José Gregório Coelho. Seu discurso foi publicado, na íntegra, em “O Liberal do Pará” do dia 29 de julho de 1870. Ao inseri-lo assim se manifesta êste jornal em sua primeira página: “Com bastante satisfação publicamos o primoroso discurso que o Revmo. Sr. Arcediago e Governador do Bispado, Dr. José Gregório Coelho, pronunciou na Catedral, por ocasião de celebrar-se o solene Te-Deum, com que a patriótica Câmara Municipal desta cidade festejou o triunfo esplêndido de nossas armas na campanha do Paraguai.

Para essa importante peça oratória, chamamos a particular atenção dos nossos leitores". Dessa magistral exortação recolhem-se tópicos emocionantes que, embora em fragmentos, merecem aqui ser evocados: "Sim, senhores; no triunfo definitivo das nações aliadas contra o Paraguai, não há somente um grande acontecimento militar e político, há também a satisfação, que pedia a justiça menosprezada, e a humanidade vilipendiada! E tudo isto obtiveram o Exército e Armada das nações aliadas, combatendo pela justiça da sua causa, e do seu nome desprestigiado.

Sim; a espada e as armas, que empunhastes, desafrontaram as nações, que tinham visto traiçoeiramente invadidos os seus territórios; seus direitos esquecidos; seus tratados despedaçados; seu comércio em decadência e quase paralisado; seus filhos queridos aprisionados em tempo de paz; suas reclamações insultadas; sua bandeira entregue à irrisão de um povo adrede preparado para a guerra, há muito tempo planejada.

Mas o tempo da Justiça Divina tinha chegado; a hora de Deus tinha soado!

Quereis a guerra? Pois bem! Nós vo-la levaremos!...

E arrasando vossas fortalezas; mostrando-vos que — Humaitá é uma obra humana, apesar de a julgardes inexpugnável, aprendereis conosco a considerar como invencível e eterna causa da justiça e do direito! Eia! bravos! Parti!... E sem incorrerdes na ignomínia eterna dos conquistadores e dos ambiciosos, defendereis, à custa de fadigas e trabalhos nobremente suportados pela Pátria, os seus direitos desconhecidos.

Sim; ó meu Deus! É nobre a causa da Pátria; e sois vós mesmo que preparais os soldados para a guerra — qui docet digitos ad pradium — que não se empreendeu senão para fazer triunfar a justiça, e bem dizendo o vosso nome três vêzes o repetimos, dizendo com a Igreja: Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth; Santo, Santo Santo é o Senhor Deus dos Exércitos!

Em vosso nome, agradecidos, bendizemos no fim de uma guerra santa e justa o instrumento de vossa justiça, êstes valentes soldados, êsses heróicos marinheiros, parentes e amigos nossos, que no teatro da guerra defenderam com denôdo e heroísmo a causa da mãe Pátria!... E, reportando-se a Gurjão, assim enfatiza: "E entre êsses bravos, ah! deixai que o diga para honra nossa, houve um general, cujo nome tendes em lembrança. Montevidéu, Itapiru, Redenção, Passo da Pátria, Estero Bellaco, Corrientes, Curuzu, Chaco, Sauce, são lugares que atestam a bravura do distinto paraense, dêsse general modêlo, que se immortalizou na guerra dos cinco anos!

Sim; vós já o sabeis! Esse general, que sobrou prodígios de valor, sendo gravemente ferido no braço esquerdo; ferimento, de que aos 17 de janeiro de 1869, lhe resultou fatal, porém gloriosa morte, que enlutou sua família, seus amigos, e a todos os paraenses, que esperavam abraçá-lo, e fazer-lhe as merecidas ovações, porque se vangloriavam de ter um comprovinciano de tanto mérito, que de soldado se elevara ao honroso pôsto de general, assinalando-se como o primeiro paraense, que havia atingido êste alto pôsto, êsse general ilustre é o herói de Itororó, essa ponte três vêzes tomada, e onde por três vêzes foram rechaçados os nossos soldados, oh! eu digo o seu nome :

É o ilustre e benemérito general Hilário Maximiano Antunes Gurjão"... "E o valente general, o sempre chorado Gurjão, ferido na batalha, diz em uma carta à sua família : "Eu, quase no fim do combate, já quando o inimigo fugia em completa derrota, fui ferido no braço esquerdo e recebi depois uma forte contusão na espádua". Porém sempre resignado, exprimia-se com fé ao seu irmão, chefe da família : "Não sei quando Deus permitirá que eu vá orar ante a imagem da milagrosa Virgem de Nazaré, na sua ermida em nossa terra, por me ter sempre protegido no meio de tantos perigos, e me ter concedido vida e saúde.

Tenho muita fé, e não sei como se possa viver sem crença nela fundada".

"Quantas vêzes — continuava êle — encaro o horizonte, que me cerca, carregado de nuvens caliginosas, e então penetrado de desânimo, quase que foge de mim tôda a esperança de volver para a companhia dos que me são caros, mas recorrendo às orações, que na infância me ensinou nossa prezada mãe, de saudosa memória, invoco a milagrosa Virgem, e de pronto se desvanecem as nuvens; o horizonte se esclarece, e uma estrêla brilha no céu. Minha fé mais se robustece, e faz que veja próximo o dia de abraçar a todos vós. Ah! quanto é boa e edificante a religião do Crucificado, que professamos !"

Na Catedral Metropolitana — di-lo o Dr. Paulo Eleutério Alves da Silva em sua "Memória Histórica sôbre os Despojos de Gurjão", publicada em 1933 no Vol. VIII da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, — permaneceu a urna até 15 de agôsto de 1882, quando foi retirada para ser colocada na base do monumento do insigne paraense, nesse dia inaugurado pelo Presidente João Rodrigues Chaves. Sustenta que nesse local ficou durante 16 anos, precisamente até 15 de agôsto de 1898, quando foi trasladada para o Cemitério da Soledade, sugerindo mesmo, para restabelecimento da verdade histórica, que a Prefeitura de Belém fizesse colocar na caixa de cantaria onde estiveram os despojos uma placa contendo a seguin-

te inscrição: "Sob esta lápide estiveram desde 15 de agosto de 1882 os despojos mortais do General Gurjão, transferidos em igual data de 1898 para o mausoléu do herói na necrópole da Soledade". A respeito d'êste monumento, cuja pedra fundamental foi solenemente colocada às 11 horas do dia 31 de julho de 1880 pelo então Presidente, Dr. José Coelho da Gama e Abreu, vale lembrar o auto de inauguração publicado em "A Província do Pará" de 17 de agosto de 1882, nos seguintes termos: "Aos quinze dias do mês de agosto de mil oitocentos e oitenta e dois, sexagésimo da Independência e do Império, reinando Sua Majestade Imperial o Senhor Dom Pedro II, nesta cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, na Praça da Independência, freguesia da Sé, achando-se presentes o Excelentíssimo Senhor Desembargador João Rodrigues Chaves, Primeiro Vice-Presidente, em exercício, o Excelentíssimo Reverendíssimo Senhor Bispo Diocesano, o Senhor Coronel Comandante das Armas, o Senhor Doutor Chefe de Polícia, e, devidamente representados, a Câmara Municipal de Belém, o Funcionalismo Público, o Exército e Armada, o Clero, o Corpo Consular, a Imprensa, o Comércio, as Artes e Indústrias, Corporações Literárias, Científicas, Patrióticas e Humanitárias, e grande número de cidadãos de tôdas as classes sociais, o mesmo Excelentíssimo Vice-Presidente, depois de ter ordenado o ato inaugural da apresentação da estátua do ínclito General Paraense à consideração pública, proferiu as seguintes palavras: — "Está oficialmente inaugurada a estátua do General Hilário Maximiano Antunes Gurjão, mandada construir e erigir pelo Govêrno da Província, autorizado pelas Leis n.ºs 1015, de 2 de setembro de 1870, e 980, de 6 de abril de 1880, para o fim patriótico de ser perpetuada a memória do intrépido General e dos demais filhos desta Província que sucumbiram na Guerra contra o Govêrno do Paraguai". — Dêste ato solene de inauguração, Sua Excelência o Senhor Desembargador Vice-Presidente mandou lavrar êste Auto, que assinou com os funcionários públicos e cidadãos presentes e comigo, Secretário do Govêrno B. Gurgel do Amaral, que o escrevi. (a) João Rodrigues Chaves. (seguem-se as outras assinaturas)".

Ainda com relação ao imponente monumento, que foi feito em Lisboa por Germano José de Salles, "A Província do Pará de 15 de agosto de 1882 registra, com riqueza de detalhes, a seguinte descrição: "De sua base à estátua do General Gurjão mede o monumento 15 (quinze) metros, sendo 12 de pedestal e 3 de estátua.

Os seus quatro ângulos avançados medem 1,25 metros de altura.

Sôbre cada ângulo repousa um leão, como símbolo da fôrça.

Nos quatro ângulos entestam cinco degraus, que perfazem a referida altura, servindo-lhe de apoio o plinto e passeio, que determinam a extensão total de sua base, na largura de 12 metros.

Segue o primeiro corpo, na altura de 2,50 metros, servindo de base às quatro seguintes estátuas, que decoram o monumento.

VALOR — LEALDADE — MÉRITO — MARTE

Cada uma destas estátuas mede 2,25 metros de altura.

Entre as primeira e última estátuas vê-se em alto relêvo, na pedra, a alegoria da passagem da ponte de Itororó, onde o General Gurjão, encorajando a divisão do Exército Brasileiro sob seu comando, proferiu estas memoráveis palavras :

— “Vejam como morre um general brasileiro”.

Este relêvo mede um metro de altura e 1,80m de largura, e contém esta inscrição :

Ao bravo General
Hilário Maximiano Antunes Gurjão,
Nascido em Belém do Pará
A 21 de fevereiro de 1820,
E falecido a 17 de janeiro de 1869

Por ferimentos recebidos
No glorioso combate de Itororó,
Onde proferiu as memoráveis palavras :
“Vejam como morre um general brasileiro”

O quadro do segundo corpo que orna a face imediata representa um troféu de artilharia.

Em seguida está uma outra alegoria, em alto relêvo, do combate naval do Riachuelo.

Depois, o quarto relêvo, que representa um troféu formado com as armas de soldado a general, tendo por centro uma coroa de louros, da qual pende uma das principais condecorações do general.

Na frente do terceiro corpo estão, em alto relêvo, as armas do Império; na face imediata esta inscrição :

“CHACO”, SAUCE, ANGUSTURA, ITORORÓ E CURUPAYTI”

Na coluna abaixo :

Mantendo os brios naturais ergueram
Da livre Monarquia heróica fama.
Honra aos que assim seu berço enobreceram !
Glória ao país que filhos tais proclama !

Segue outra face com as armas da Província do Pará, em igual relêvo, e, depois, a última que se lê :

“MONTEVIDÉO, ITAPIRU, PASSO DA PÁTRIA, ESTERO BELLACO, CORRIENTES, CURUZU”.

Abaixo :

Êstes morreram pela Pátria amada
Curtindo a fome, a sede e ardentes sóis;
Marcam seus ossos do triunfo a estrada :
Seu prêmio ? A glória. Os nomes seus ? Heróis.

No fundo :

Tributo de reconhecimento

da Província do Pará
Aos mais distintos de seus filhos
Na guerra do Brasil contra o Paraguai
Desde 1865 até 1870
Mandado erigir

Em virtude das leis provinciais
De 2 de setembro de 1870 e 6 de abril de 1880
Administrando a Província
O Exmo. Sr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu.

Sôbre êste terceiro corpo assenta o lanternim, do qual se ergue a estátua do referido General, dominando a baía na direção da barra.

Todo o monumento é de pedra, sendo de bronze a estátua; cerca-o um gradil de ferro, em cada canto do qual está uma coluna encimada por esferas de vidro opaco com uma coroa ducal.

Estas esferas, em número de oito, servem para iluminar o monumento, que se acha colocado no canto de um círculo de palmeiras imperiais.”

O eminente Historiador paraense Ernesto Horácio da Cruz, em sua obra “Monumentos de Belém”, editada em 1945, reporta-se ao tópico descritivo do noticiário em aprêço e ressalta ainda existirem, nessa época, apenas as palmeiras, tendo sido retirado, porém, o conjunto de gradis, colunas e esferas. Hoje não mais existem nem gradis nem as palmeiras que primitivamente ornaram o Monumento de Gurjão, um dos mais belos da cidade de Belém. Dessa paisagem ficaram, contudo, como lembrança duradoura, em Álbuns luxuosamente impressos, como o “do Pará em 1899 — Govêrno do Dr. Paes de Carvalho”; o “de Belém — 1902”, (editado em Paris) — adminis-

tração do Intendente Antônio José de Lemos; e o “do Estado do Pará — oito anos de Governo do Dr. Augusto Montenegro, 1908, (Paris), magníficas fotografias que representam documentário de excepcional valor.

Na mesma obra, reportando-se à casa em que nasceu Gurjão nesta cidade, em cuja fachada o Instituto Histórico e Geográfico do Pará afixou placa alusiva, informa Ernesto Cruz que até 1940 era de propriedade de Antônia P. da Silva e que foi mandada desapropriar por utilidade pública, por ato de 29 de janeiro desse ano, do Prefeito Municipal de Belém — Decreto n.º 431 — passando, assim, ao patrimônio histórico do Município.

A 15 de agosto de 1898 o então Intendente da capital, Senador Antônio José de Lemos, inaugurou, no Cemitério da Soledade, com pompas excepcionais, o rico mausoléu a que se recolheram para sempre os restos mortais do General Gurjão, mandado erigir por decisão do Conselho Municipal em sessão de 1.º de fevereiro de 1894.

Para a solenidade “A Província do Pará” daquele dia publicou o seguinte programa :

I — Uma comissão composta dos Srs. vogais Dr. Virgílio Martins Lopes de Mendonça, Fortunato Alves de Souza Júnior e Major José Antônio Nunes receberá, à entrada principal do Cemitério da Soledade, as autoridades que concorrerem à cerimônia glorificadora do grande soldado paraense.

II — Uma brigada composta dos Corpos do Regimento Militar do Estado e uma Bateria do 4.º Batalhão de Artilharia de Posição, sob o comando do Sr Coronel José Sotero de Menezes, formará na avenida Serzedelo Corrêa, frente ao Cemitério.

III — O Corpo Municipal de Bombeiros formará na Estrada Gentil Bittencourt, entre as travessas Dr. Moraes e Serzedelo Corrêa, frente ao Cemitério.

IV — Às 7,30 horas, colocada a urna que encerra as cinzas do glorificando sôbre uma padiola, será esta carregada por quatro inferiores do Estado menor do Exército Nacional até ao lugar onde se acha ereto o monumento.

V — Da parte superior da urna deslizarão oito fitas, que serão tocadas pelos seguintes cidadãos: Dr. José Paes de Carvalho, Governador do Estado; Senador Antônio Lemos, Intendente Municipal; General Frederico Solon, Comandante do 1.º Distrito Militar; Capitão de Mar-e-Guerra Joaquim Thomás Coelho, Inspetor do Arsenal de Marinha; Coronel José Sotero de Menezes, Comandante do Regimento Militar; Dr. João Antônio Luiz Coelho, Presidente da Câmara dos Deputados; Capitão de Fragata Duarte Huet de Bacellar Pinto Guedes,

Comandante do Cruzador "Benjamim Constant"; Desembargador Antônio Bezerra da Rocha Moraes, Chefe de Segurança Pública; Dr. Geminiano de Lyra Castro, Vogal no Conselho Municipal; Fortunato Alves de Souza Júnior, Cônsul da Áustria, decano dos cônsules no Estado; Senador José Marques Braga, Presidente da Praça do Comércio; Primeiro Tenente Francisco de Assis Camelier, representante das classes industriais; Deputado Hygino Amanajás, representante da Imprensa e Leôncio Antunes Gurjão, filho do General Hilário Maximiano Antunes Gurjão.

VI — Chegada a padiola ao monumento, o Intendente Municipal lerá ligeira memória biográfica do General.

VII — Antes de entrar a urna para o monumento, a Brigada dará três descargas festivas.

VIII — Pela tropa e pessoas que assistirem à cerimônia será distribuído um pequeno impresso, contendo traços biográficos e, em litografia, o retrato do General e do monumento mandado erigir em sua homenagem.

A toilette de rigor para a cerimônia, que não terá, aliás, caráter fúnebre, é : calça, colête e croisé pretos.

A brigada a que se refere o programa prestará, dentro do cemitério, as honras devidas à alta categoria do bravo militar, cuja memória tão justamente se perpetuou."

O Senador Antônio Lemos, com o extremado esmêro com que sabia realizar as obras concebidas pelo seu raro tino de administrador e também com que sabia divulgá-las, assim descreve, em seu apreciado "Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém na sessão de 15 de novembro de 1902" — "O Município de Belém, 1897/1902" — o rico mausoléu do inolvidável General Gurjão : — "O monumento é de estilo grego e o mais lindo que se vê na Soledade. Mede 6,15 metros de altura, incluindo a ara, 2,50 metros em quadro, interna, e 3,10 metros externamente.

É todo de pedra maciça, sendo o teto composto de quatro blocos. Foi feito nas oficinas de Lombardia, na Bréscia. Seu pêso total é de 150 toneladas.

O trabalho de escultura é do cav. Allegretti, professor do Instituto de Belas Artes, em Roma, e foi contratado pelos Srs. Aliverti & Cia., por conta da Intendência de Belém, em 1896.

Sôbre a cripta ergue-se uma pira de bronze em forma de trípode
No frontal lê-se a seguinte inscrição :

GENERAL HILÁRIO MAXIMIANO ANTUNES GURJÃO

Nascido em 1820 — Falecido em 1869
Para perpetuar-lhe a memória o Conselho
Municipal de Belém mandou erigir
êste monumento em 1896

Ainda sôbre as duas faces que ladeiam o portal destacam-se, também em bronze, duas alegorias em escudos sôbre as quais estão a esfera com o cruzeiro, de um lado, e as armas brasileiras, do outro, circundadas por êstes dizeres: “Combate de Tuiuti — 24 de maio de 1868” e “Combate de Itororó — 6 de dezembro de 1868”.

No interior do monumento, ao centro, ergue-se uma bem trabalhada coluna de mármore, sustentando o busto, em bronze, do General”.

No perfil de Gurjão, entre quantos o têm estudado, há, como ponto comum, predominante e incontestável, especial destaque aos seus predicados de homem correto, austero, exato. A par da dignidade com que, invariavelmente, sabia assinalar o cumprimento do seu dever, há também, nas virtudes do bravo General, apontada por muitos de seus biógrafos, a característica do homem simples, bom e humilde, indiferente às culminâncias das posições privilegiadas e ao prestígio delas decorrente.

É freqüente, entre os historiógrafos, o registro de que ao tempo em que comandava a Fortaleza de Santa Cruz o Tenente Coronel Gurjão era figura “da imediata confiança dos Chefes Militares e de Pedro II”.

Raimundo Ciríaco Alves da Cunha, em seu sempre lembrado livro “Paraenses Ilustres”, editado neste Estado em 1896 e reeditado em 1900, focaliza Hilário Gurjão como vulto que “se distinguia pela sua reconhecida modéstia e afabilidade com que tratava a todos, qualidades que lhe granjearam simpatia extraordinária”, e revela que “D. Pedro II visitava assiduamente a Fortaleza de Santa Cruz no tempo de seu comando; aí almoçou com o General e os oficiais diversas vêzes; assistiu ao embarque de seu batalhão para a guerra do Paraguai; e, quando os seus despojos foram trasladados para o Estado do Pará e passaram pelo Rio de Janeiro, o Monarca acompanhou o préstito fúnebre desde a Igreja da Cruz até o Arsenal de Marinha, havendo o Marechal de Exército Conde d’Eu tomado uma das argolas da urna”.

Descrevendo os últimos momentos de Gurjão, José Tito Nabuco de Araújo, em trabalho publicado em 1880, diz que “nos bra-

ços de seus camaradas, de amigos fiéis e dedicados êle exalou o seu último suspiro, tranqüilo e resignado, e passou desta a outra vida sem que deixasse um inimigo, u'a maldição, um remorso”.

Decorridos cento e um anos e trinta e quatro dias de sua morte e precisamente 150 anos do dia de seu nascimento, ressurgue, hoje, o incomum e valoroso Soldado, rememorado pela ternura da alma paraense.

O Egrégio Conselho Estadual de Cultura sente-se justificadamente feliz por ter chamado à sua responsabilidade a iniciativa das comemorações do magno evento. Sente-se reconfortado pelo apoio que ao mesmo emprestaram a Liga da Defesa Nacional, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, a Casa do Pará na Guanabara, e pelo prestígio que lhe dedicaram as autoridades civis e militares, particularmente o Exmo. Sr. Coronel Governador do Estado, a Prefeitura Municipal de Belém e o Comando da 8.º Região Militar.

E por ter cumprido dever tão sublimado, julga-se o Colendo Conselho certo de havê-lo feito perante a Pátria, perante o Estado, perante o pretérito, perante a História!



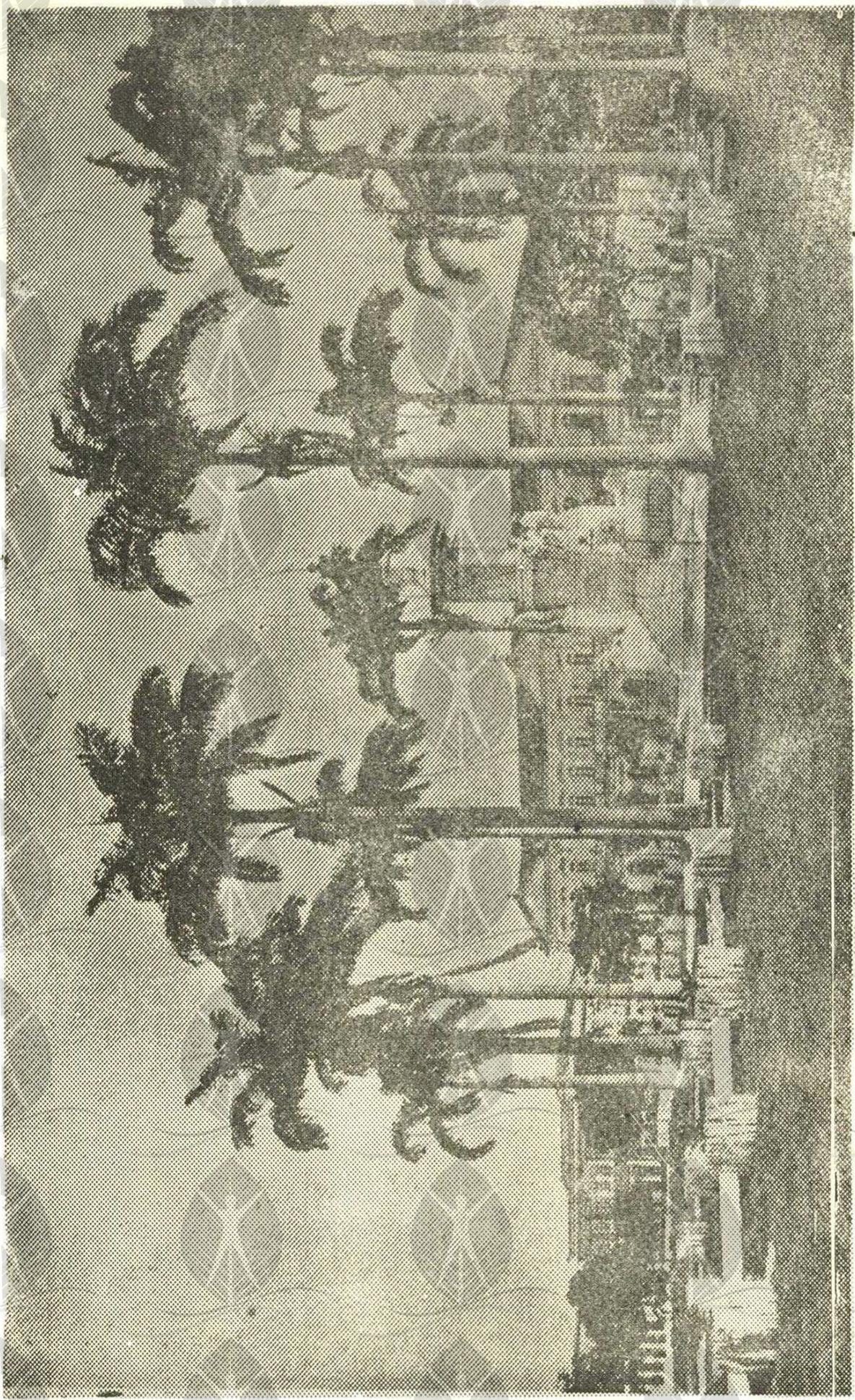
Comemoração do sesquicentenário de nascimento do General Gurjão. O Ten. Cel. Alacid da Silva Nunes, Governador do Estado; Prof. Clóvis Silva de Moraes Rêgo, Presidente do Conselho Estadual de Cultura, e Sra. Teresa Gurjão, neta do General Gurjão, conduzindo uma coroa de flôres, depositada no monumento dêsse insigne militar.



Comemoração do sesquicentenário de nascimento do General Gurjão. Vêem-se na foto, em frente ao monumento do herói paraense, o Ten. Cel. Alacid da Silva Nunes, Governador do Estado; a Sra. Teresa Gurjão, neta do inolvidável militar homenageado, e o Prof. Clóvis Silva de Moraes Rêgo, Presidente do Conselho Estadual de Cultura.



Monumento ao General Gurjão em Belém, Capital do Estado do Pará. Fotografia do século XIX — (Reprodução da gravura que ilustra o “Álbum do Pará em 1899 — na administração do Governo de S. Exa. o Sr. Dr. José Paes de Carvalho”, Foto original de F. A. Fidanza). Circundando o Monumento, vê-se, ainda, o gradil primitivo.



Outra vista do Monumento ao GENERAL GURJÃO, na antiga Praça da Independência, atual D. Pedro II, nesta cidade, e que data do século XIX. Fixa aspecto de sua paisagem primitiva, circundado por um gradil de ferro e oito colunas "encimadas por esferas de vidro opaco com uma coroa ducal" . . . "dentro de um círculo de palmeiras imperiais" . . . , majestoso, "dominando a baía na direção da barra", tal como o descreve a "Província do Pará" de 15-8-1882, data de sua inauguração. (Reprodução da gravura que ilustra o "Álbum do Pará em 1899 — na administração do Governo de S. Exa. o Sr. Dr. José Paes de Carvalho". Foto original de F. A. Fidanza).



Outra fotografia do Monumento, em Belém, ao General Hilário Maximiano Antunes Gurjão. (Feito em Lisboa por Germano José de Sales. Sua pedra fundamental foi colocada em 31-7-1880, pelo então Presidente da Província, Dr. José Coelho da Gama e Abreu, e sua inauguração ocorreu a 15-8-1882, na administração do Desembargador João Rodrigues Chaves).



Fotografia do mausoléu do General Gurjão, no Cemitério da Soledade, nesta Capital. (Fabricado nas oficinas de Lombardia, na Bréscia, e seu trabalho de escultura é do cav. Allegretti, Professor do Instituto de Belas Artes de Roma). Foi mandado erigir por decisão do Conselho Municipal, de 01-02-1894, tendo sido inaugurado em 15 de agosto de 1898, na administração do então intendente de Belém, Senador Antônio José de Lemos.

ALVARO DE AZEVEDO
DE ALEXANDRE DE ALEIXANDRE
DE ALEXANDRE DE ALEIXANDRE

ALVARO DE AZEVEDO

DE ALEXANDRE DE ALEIXANDRE
DE ALEXANDRE DE ALEIXANDRE

Placa, em mármore, existente na fachada da casa onde nasceu o General Gurjão, sita na Rua de seu nome, nesta cidade, sob o nº 273, antes nº 135, e nela aposta por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.



General Hilário Maximiano Antunes Gurjão.

(Fotografia que consta do livro "Paraenses Ilustres", de Raimundo Ciríaco Alves da Cunha — 1a. edição : Jablonski, Viogt. & Cia., Paris, 1896; 2a. edição : J B dos Santos & Cia., Pará, 1900; e 3a. edição — do Conselho Estadual de Cultura do Pará — Grafisa, Belém, 1970.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA